

# A CIÊNCIA, O OLHAR E O SE-MOVIMENTAR: uma fenomenologia do futebol – ou de como o CAP encontra talentos <sup>1</sup>

FERNANDO GONÇALVES BITENCOURT

## 1. INTRODUÇÃO

As vias pelas quais se constroem atletas profissionais de futebol, ao menos no que o Clube Atlético Paranaense (CAP) propõe, são praticamente preenchidas pelo saber científico. O futebol é, como o vejo, a articulação estruturada de um “horizonte de técnicas”. É sob o regime convergente destas técnicas, corporais, pedagógicas, disciplinares, biomédicas, científicas, econômicas, etc. que como conjunto de esforços em correlação produz o jogador profissional. Entretanto, para que a organização do treinamento possa intervir na formação é preciso que o “talento” seja descoberto. Há, portanto, um passo anterior, cujos alicerces pretendo discutir neste trabalho.

A importância desta questão não é insignificante, pois vai evidenciar, talvez como um porta voz que emite um discurso dissonante, os limites do saber tecnocientífico, como proponho, ao demonstrar a primazia do olhar e do se-movimentar fenomenológico, além é claro das convergências sociais necessárias, na descoberta e incorporação do talento esportivo ao universo do futebol. Não se trata, todavia, de negar o incremento científico que toda a maquinaria do treinamento esportivo incorpora, mas de reconhecer que é a

---

1 O presente artigo é fruto de pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do CFH/UFSC (BITENCOURT, 2009), realizado sob orientação da professora Carmem Silvia Rial - Departamento da Antropologia/UFSC. Uma versão desse texto foi originariamente publicado na Revista Motrivivência (n. 34, junho 2010), a quem agradecemos por permitir a reprodução do artigo nessa coletânea.



relação corpo-mundo que sustenta o desenvolvimento do vir-a-ser jogador de futebol.

“A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las”. Assim Merleau-Ponty (2004, p. 13) inicia um de seus mais importantes textos e já anuncia o hiato entre a ordem da ciência e o ser-no-mundo fenomenológico. As reflexões que aqui se seguem correm nesta esteira. Objetivo discutir tal hiato através de um estudo realizado no futebol, cuja trama envolve a descoberta e a formação de atletas no Centro de Treinamento Alfredo Gotardi (CT do Caju), pertencente ao CAP, da cidade de Curitiba (PR).

A etnografia (GEERTZ, 1989) foi realizada durante abril de 2006 e fevereiro de 2007 quando acompanhei o cotidiano de jogadores, comissão técnica, diretores e funcionários em geral no CT do Caju, tendo como problema de pesquisa a relação corpo-máquina no treinamento esportivo, em particular no futebol, e a constituição do ciborgue, tal qual elaborou Haraway (2000).

Para realizar o que me proponho, descreverei os modelos utilizados ou planejados pelo Atlético para encontrar jogadores para as suas categorias de base. Os atletas profissionais, ainda que com princípios semelhantes, estão mais sujeitos às demandas de uma mentalidade que faz circular, dialeticamente articulada a uma filosofia do dinheiro, possibilitada pela Lei Pelé (BITENCOURT, 2009). Afirmo que a idéia de “talento” no sentido do inato – seja como dom natural, seja como dom divino – como suporte ideal do sujeito especial que transcende os limites do corpo e do social é limitada, pois há um complexo de fatores que permitem (ou inibem) a formação de um atleta. É sob múltiplos olhares, em especial o fenomenológico, que o futebol nasce.

## 2. UM SISTEMA BIOMÉDICO

Transformar-se em jogador profissional de futebol é permitir uma invasão completa da corporalidade, singularmente transformada em objeto de investigação, conhecimento, intervenção e investimento. A biomedicina é que decide sobre quem está apto a jogar. Se o menino que joga bola em sua vida ordinária é capturado por um olhar que o convida a um novo modo de viver, é apenas com o consentimento biomédico – e sob os auspícios da técnica e da ciência – que ele realmente inicia uma carreira de jogador de futebol, ao menos no caso do CAP e cada vez mais no futebol em geral.

O departamento médico do CAP<sup>2</sup> era composto, a época, por 4 médicos, 4 estagiários de medicina, 3 fisioterapeutas, 1 nutricionista, 2 massagistas e 1 auxiliar administrativo. O trabalho de campo ainda me fez registrar a chegada de duas psicólogas ao CT. Este departamento estava organicamente ligado à direção técnica, que apresentava os seguintes profissionais: Diretor Técnico, Coordenador Técnico de Futebol, Assessor Científico, Assessor Executivo, Coordenador de Futebol Profissional, Administrativo do Laboratório Científico, Administrativo e Auxiliar administrativo.

Além dos profissionais que se restringiam ao trabalho administrativo, destacam-se os envolvidos no desenvolvimento científico do treinamento esportivo, cujas funções eram ligadas às ciências do treinamento – fisiologia do exercício, métodos e técnicas, etc: o próprio Diretor Técnico e o Assessor/Diretor Científico.

Devido à complexidade e contigüidade dos esforços empreendidos por cada profissional em sua área específica, toda esta estrutura pretendia dar o suporte para que o atleta chegasse a campo – ou melhor, entrasse em campo – em condições de exercer suas atividades, tanto no treinamento quanto no jogo. Cada função preenche um espaço nas hierarquias tecnocientíficas e pressupõem um conhecimento biomédico sobre o corpo. Há um percurso a seguir quando se adentra ao CT como jogador.

A chegada de qualquer atleta ao CT é marcada por um protocolo estabelecido pela medicina. Os esforços são rigorosos para que, com cada vez maior cuidado e controle, os exames clínicos preliminares sejam realizados para que a segurança dos atletas seja garantida. Para o clube, a preocupação é com o risco que o investimento em um atleta “sem condições de saúde” pode trazer em termos financeiros. Isto é resultado de um processo paradoxal, mas cujo princípio é facilmente percebido. À medida que a ciência do treinamento avança em seus conhecimentos, a intensidade dos jogos e treinos aumenta, forçando os limites do corpo na direção de sua transcendência. Esta mesma ciência, em contrapartida, é obrigada a desenvolver modos de investigação, controle e tratamento que sustentem os esforços e recuperem os atletas para as etapas ordinárias de treinos e jogos.

Nesta perspectiva, tais especialistas agenciam suas funções a partir de uma concepção bio-morfo-funcional do corpo, completando as etapas prescritas por

---

2 [www.caparanaense.com](http://www.caparanaense.com) – acessado em 31/08/07.



cada profissional. Em síntese, o médico permite ao corpo tornar-se atleta, o fisiologista prescreve – a partir da lógica interna do corpo – as doses de treinamento, os preparadores físicos as aplicam... À esta sucessão de tarefas, que envolve exames, testes, prescrições e controles, está condicionada a vida do atleta.

Para que tudo funcione, um sistema dos objetos é posto em operação. A maquinaria tecnocientífica disposta ao trabalho biomédico investiga a verdade eventual do corpo para restabelecer sua verdade normalizada. Para tanto, é necessário que o corpo como materialidade objetivada se imponha como presença e que sua decomponibilidade se acentue como ordem da presença de si. A relação da maquinaria médica com os atletas é de uma modalidade específica: para cada máquina um corpo parcial. Desnecessário mencionar que a maquinaria médica desenvolve-se em quantidade cada vez maior, talvez menos pelas necessidades do corpo do que pela própria lógica autoreprodutiva da técnica.

Acrescento que as máquinas se acoplam aos corpos – e vive-versa – para a produção do atleta. Assim, ciência e tecnologia comprimem os corpos dos jogadores para revelar suas verdades, delimitar-lhes os sentidos, matematizá-los, transformando-os em apêndices de seus saberes; esforço para transformar meninos em atletas, humanos em máquinas.

### 3. A SELEÇÃO DE ATLETAS

Trato, agora, dos diversos métodos através dos quais o CAP procura(va) e seleciona(va) atletas para jogarem em suas categorias de base, enfatizando a passagem de um modelo mais empírico, ou melhor, estatístico, para a tentativa de implementar um modelo científico através da matematização de variáveis, para por fim refletir sobre a primazia do olhar neste processo.

#### *a. As Peneiras<sup>3</sup>: um processo intensivo*

Durante os anos de 2002/3 e 4 o CAP usou uma metodologia para a busca de talentos bastante comum no cenário do futebol nacional, mas que pela sua

---

3 As peneiras são formas de recrutar jogadores, comumente nas categorias de base, através da reunião de um grande número deles em um ou dois dias para escolher os possíveis integrantes das equipes. Um exemplo destes processos pode ser assistido no documentário Futebol, de João Moreira Salles.

condição de abrigar jovens em sua estrutura de hotelaria, permitiu um processo contínuo de trabalho que se estendia por todo o calendário competitivo. Se as peneiras na maioria dos clubes se resumem a um ou dois treinos em condições pouco favoráveis – campos ruins, infraestrutura para acolhimento dos atletas inadequada, pouco tempo para que se possa apresentar alguma qualidade esportiva – no CAP o processo era mais bem organizado, mas não menos complicado.

Segundo Bráulio<sup>4</sup>, responsável por este processo naquele período, durante uma semana, entre 30 e 40 jogadores ficavam alojados no clube, em regime de internato, treinando pela manhã e tarde, seguindo essa rotina: na chegada, sempre uma segunda-feira, exames médicos preliminares pela manhã e treino leve pela tarde; no restante da semana, treinos técnicos e táticos em dois períodos, além de testes que avaliavam capacidades físicas e técnicas. Durante este processo, os jogadores que iam se destacando a partir da observação do próprio Bráulio passavam a ser observados também pelos treinadores e demais membros das comissões técnicas das categorias pertinentes. Caso aprovados, permaneceriam mais um tempo no clube em treinamento para melhor avaliação e, se fosse o caso, definitiva incorporação no elenco.

Considerando a quantidade de 30 a 40 meninos/jogadores por semana, num período de aproximadamente 10 meses, cerca de 1200 garotos eram observados no ciclo semanal de exames, testes e treinos. Destes, entre 3 e 5 jogadores eram aproveitados por ano. Reconhecida a ineficiência desta forma de arrematar jogadores, o mesmo foi abandonado.

#### *b. O Processo de Avaliação Contínua*

Ao contrário do modelo anterior, que colocava o grupo de aspirantes a treinar em separado, sendo observado por um treinador especialmente designado, durante uma semana, agora os que chegam para testes são incorporados à equipe de sua categoria e treinam com os possíveis companheiros de equipe.

Estes jogadores chegam de diversas formas: provenientes das muitas escolinhas que o CAP está espalhando pelo Brasil; por indicação de um

---

4 Os nomes apresentados neste trabalho são fictícios, com vistas a preservar a identidade dos informantes.



“olheiro” cadastrado ou com algum tipo de relação com o clube; encaminhados por agentes ou empresários; através de algum dirigente, conselheiro ou qualquer outro integrante da diretiva ou associado do clube; e de várias outras formas, inclusive por iniciativa própria. Quanto à origem, são procurados em (e procuram de) todo o Brasil.

O relatório de atividades das categorias de base do CAP dos anos 2005/6 apresentam o aproveitamento de atletas resultante desta forma de recrutamento nas categorias infantil, juvenil e júnior. Dos 749 jogadores testados no ano de 2005, apenas 32 (menos de 5%) foram aproveitados pelo clube. No ano seguinte, 258 passaram pelos testes e 28 permaneceram (pouco mais de 10%).

Como se pode perceber, o número de atletas aproveitados é muito baixo, ao se considerar a quantidade de jogadores testados. Evidentemente, há um funil muito grande. À medida que se avança na idade, o “gargalo” se estreita, dificultando o acesso de novos jogadores ao clube. Se no infantil, considerando-se os dois anos, 31 atletas foram aproveitados, nos juniores este número se reduziu a 7. Em 2006 o número de jogadores testados também diminuiu, assim como a incorporação de atletas nos elencos.

A diminuição da testagem em 2006 pode ter vários motivos: o aumento do rigor e cuidado na questão das indicações e processo de seleção; o fato de os times estarem formados, com poucos espaços para novos jogadores; ou, o que é mais provável, a mudança de política de formação de atletas na base, que, por um lado, passou a apostar num protocolo de modelo científico para diminuir os erros de investimento e, por outro, reduziu o número de “olheiros” responsáveis por encontrar jogadores. Ambos serão tratados a seguir.

### *c. A Geração de um novo projeto: o modelo científico*

A proposta atleticana de ser uma escola de formação de jogadores, segundo os dirigentes uma das poucas formas de se manter competitivo e em condições financeiras de enfrentar as demandas do mercado, tem gerado um projeto para, através de uma metodologia quantitativa, com uma lógica das ciências duras, diminuir as incertezas no processo de busca de novos jogadores, reduzindo os custos e ampliando o leque de opções de intervenção do clube.

Essa proposta, que se organiza na forma de um protocolo com pretensões de validação científica consiste num complexo de informações cruzadas



e valoradas numericamente que, após computados todos os dados e calculados os valores atribuídos a cada qualidade determinada, resultaria num valor numérico capaz de prognosticar as possibilidades do avaliado ser aproveitado pelo clube. Esse modelo “científico” recobre áreas distintas, tais como a capacidade técnica, característica psicológica, nível de maturação e modo de chegada no clube que somados e calculados com pesos relativos específicos traçariam o destino do atleta no CAP.

O protocolo estrutura as seguintes “Etapas de Promoção, Identificação e Preparação em Longo Prazo de Jovens Futebolistas”<sup>5</sup>: Preliminar (Promoção): 8-11anos; Especialização Inicial (Identificação): 12-14 anos; Especialização Profunda: 15-17 anos; Alto Rendimento: 18-20 anos e; Manutenção do Alto Rendimento: 21 e mais.

Seguindo o Programa de Promoção e Identificação de Talentos no Futebol do CAP para a Faixa etária 12-14 anos e partindo de critérios heterogêneos, nos quais devem ser considerados aspectos inerentes a prática do futebol, que resultam de uma interpretação do que é o humano, mas também do que é ser jogador de futebol, os jovens atletas são submetidos a uma bateria de medidas e testes os quais deverão fornecer informações precisas das variáveis mais importantes na formação e aperfeiçoamento do atleta com perspectivas de evolução no futebol.

• <b>Forma de Indicação</b>	<b>5%</b>
• <b>Aspectos Psicológicos</b>	<b>10%</b>
• <b>Maturação Biológica</b>	<b>20%</b>
• <b>Aspectos Físico Motor</b>	<b>15%</b>
• <b>Aspectos da Habilidade Motora (com bola)</b>	<b>20%</b>
• <b>Aspectos Técnico/Tático em Jogo</b>	<b>30%</b>
• <b>TOTAL</b>	<b>100%</b>

Cada uma destas áreas de avaliação recebe um peso relativo, conforme valores indicados percentualmente na tabela acima, para cálculo da pontuação final através de um instrumento de avaliação que investiga 27 parâmetros. Tais parâmetros devem fornecer o perfil psicomorfofuncional do jovem

---

5 Os dados a seguir foram retirados do projeto a mim apresentado pelo prof. Antônio Carlos Gomes.



atleta e indicar os mais talentosos nesta faixa etária, 12-14 anos, para a modalidade de futebol. O objetivo é espelhar o atleta em seus diferentes modos de ser no mundo. Nestes termos, tomando como exemplo apenas alguns dos dados pelos quais a avaliação se dará, tem-se: se chegou ao clube por iniciativa própria, se chegou ao clube indicado por um professor de educação física, nível de estresse, nível de agressividade, prognóstico de altura, índice de maturação, velocidade, habilidade motora, conhecimento tático...

Esta avaliação deverá se dar em dez passos e demandará o esforço coletivo de um grupo especializado de profissionais: médico, psicólogo, fisiologista, preparador físico, treinador/técnico que através da matematização de parâmetros, alguns inconciliáveis, gerará um número absoluto e inquestionável, na medida em que tem sua eficácia traduzida pelas leis da ciência e da estatística. O quadro a seguir apresenta os valores relativos a cada aspecto avaliado e seu peso no cálculo geral do valor atlético intrínseco ao garoto avaliado.

Parâmetros a serem avaliados	Peso de cada parâmetro a ser avaliado	Pontuação
1. Como o atleta chega ao clube	$P-0,5 \times 10$	5
2. Aspectos psicológicos	$P-0,1 \times 100$	10
3. Maturação biológica	$P-2 \times 10$	20
4. Velocidade de deslocamentos	$P-0,25 \times 20$	5
5. Avaliação da agilidade	$P-0,25 \times 20$	5
6. Resistência aeróbia	$P-0,25 \times 10$	5
7. Domínio de bola	$P-1 \times 10$	10
8. Precisão de passe	$P-1 \times 10$	10
9. Técnico Tático	$P-0,25 \times 120$	30
TOTAL		100

Os dez passos acima citados e as inúmeras características observadas em cada um destes passos transformam o se-movimentar, que é relação dialógica do corpo com o mundo (consigo mesmo, com os outros, com os objetos e com o espaço-tempo) em objetividade científica, concretizando o objetivo de eliminar as incertezas (que é, segundo a racionalidade moderna, característica do humano e não da ciência e da técnica) na procura e seleção dos talentos esportivos.



*d. As Escolinhas:*

Outra modalidade através da qual o CAP tem procurado formar jogadores que possam compor o elenco das categorias de base é a organização de escolinhas, feitas sob a forma de parceria através de um contrato de licenciamento. Para isso o clube se obriga a oferecer o treinamento dos professores “dentro dos padrões de qualidade das Escolas de Futebol do CAP”, além de supervisionar os trabalhos nas escolas, visando à manutenção da qualidade de seu desenvolvimento Técnico/Metodológico, introduzindo um padrão de qualidade e uma metodologia comuns às escolas conveniadas. O CAP ainda se compromete a prestar assessoria na área de Marketing, objetivando a inserção da escola na comunidade local e a comunicação entre ambos. Fornecerá o material de treinamento necessário, tanto para o trabalho dos treinadores quanto para o dos alunos: “Kit do Aluno” (calção, camisa e meias), que deve ser vendido aos alunos matriculados. Por fim, a pedra de toque, para os “talentosos”, a garantida da realização de testes no CT do Caju.

Para os parceiros, além do direito de cobrarem mensalidades, os deveres se dividem em garantir estrutura material mínima, (Campo de grama natural ou sintética, Secretaria, Almoarifado, Vestiário); a contratação dos profissionais (2 Professores de Educação Física, 1 Secretária) e obedecer as determinações do manual das Escolas de Futebol do CAP. Assim, além de custear a participação da escola nos eventos esportivos da qual fará parte – pois várias competições intra e extra escola são comuns – deve também ser o responsável pelo deslocamento e recepção dos supervisores do CAP.

Aqui nos interessa, além dos objetivos, a metodologia empregada pelo CAP. Os objetivos são óbvios. Como pano de fundo, o caráter social do desenvolvimento de crianças e adolescente através do caráter “educacional e saudável” do esporte. Entretanto, o que interessa é a seleção de jovens jogadores e o desenvolvimento e expansão da marca Clube Atlético Paranaense.

Do ponto de vista metodológico, destaca-se a preocupação da padronização das práticas, tanto as administrativas quanto as pedagógicas. A proposta é a de “estabelecer uma filosofia de trabalho unificado para todas as unidades”. Portanto, cabe ao Atlético repassar o planejamento das atividades e acompanhar a sua execução. Talvez por isso seja necessário “um computador para o controle dos treinamentos, fluxos de competições e crescimento das aptidões



física e motora dos alunos”. Assim, além de, através do controle total das atividades, o CAP pretender padronizar as escolas e divulgar sua marca, os processos que envolvem o trabalho de formação de professores/treinadores e alunos/atletas apóia-se nos procedimentos científicos que a direção técnica coordena.

É apoiado nas áreas de Aprendizagem e Desenvolvimento Motores<sup>6</sup>, que os processos de ensino/aprendizagem deverão ser organizados. Se a montagem das turmas deve respeitar as categorias oficiais do futebol – Mamadeira Kids - 3 e 4 anos; Fraldinha Kids - 5 e 6 anos; Dente-de-leite - 7, 8 e 9 anos; Mirim - 10 e 11 anos; Pré-infantil - 12 e 13 anos; Infantil - 14 e 15 anos e; Juvenil - 16 e 17 anos – a metodologia de ensino deverá estar relacionada a aspectos como idade cronológica, idade maturacional, nível de desenvolvimento motor, características fenotípicas e genotípicas, etc.

Através do controle de variáveis que não estão resumidas apenas à qualidade do futebol praticado, mas de saberes sobre o corpo que as diversas formas de olhar – testes, exames e medidas – os jogadores serão avaliados, separados, selecionados ou descartados. Como exemplo, uma palestra de formação de professores de escolinhas pode ajudar a esclarecer a questão. Segundo o palestrante, diretor técnico do clube e um dos responsáveis pelo desenvolvimento científico do CAP, em um dos últimos campeonatos juvenis, em nível nacional, observou-se que a maioria dos clubes tinha jogadores com o nível maturacional elevado em se considerando a idade. Ou seja, os clubes acabam por procurar os jogadores cuja compleição física propicie um ganho de força e velocidade em relação aos adversários. Assim, jogadores mais desenvolvidos levam vantagem sobre os mais franzinos e menores, que, apesar de terem a mesma idade, estão em desenvolvimento biológico diferentes.

O CAP, em suas escolinhas, deverá realizar o contrário. Estando em comparação dois garotos com mesma idade e com habilidade motora semelhante, deve-se escolher o de menor maturação, pois há, nele, uma possibilidade de desenvolvimento físico e atlético ainda em aberto e, mais importante, um alargamento das possibilidades de aprendizado motor, haja vista a abertura biológica inscrita no próprio corpo em formação. Tal aspecto revela as imposições do biopoder no escrutínio e na modelagem do corpo, e a exigência do treinamento de se buscar corpos manipuláveis, a disposição das ações disciplinadoras e reguladora dos gestos.

---

6 Disciplinas tradicionais do campo da Educação Física que se desenvolvem principalmente a partir de pressupostos biológicos.



O CAP tem outras formas de parcerias, seja com escolas autônomas, seja com pequenos clubes regionais ou nacionais. É interessante notar que a estrutura hierárquica clubística pode ser percebida através destes convênios e parcerias nos quais pequenos clubes, clubes de empresários e, no caso do CAP, inclusive clubes estrangeiros (nos EUA, na Coreia do Sul, etc.), formam jogadores, oferecendo prioridades aos clubes maiores na avaliação e contratação destes atletas.

#### 4. OS OLHEIROS

A última modalidade de recrutamento de atletas já carrega em seu próprio nome uma singularidade: o olhar. A rigor, todos os atletas que treinam no CT são frutos de um olhar. Um olhar especializado e especial, de alguém que consegue distinguir entre tantos garotos e tantos gestos, o dono de um movimento diferente, que se destaca por aspectos cuja sutileza nem sempre pode ser traduzida em palavras. O gesto, cuja perícia é uma sincronia de repetição e diferença, é este diálogo do corpo com o mundo, com a bola e com os companheiros e adversários. Espalhados pelo Brasil e exterior, há olhos conectados aos movimentos do/no futebol.

O principal olheiro do CAP, com larga experiência no futebol – tendo prestados serviços inclusive para a CBF – associa trabalho e dom para explicar sua capacidade de encontrar atletas. Sua eficiência, segundo os especialistas, é incontestável, o que o fez tornar-se o olheiro oficial do clube. Como vimos anteriormente, há um esforço para se reduzir a incerteza e maximizar o aproveitamento das avaliações para encontrar jogadores. Segundo o prof. João (ex preparador físico e hoje gerenciando um parceiro do CAP em Fortaleza) de cada três atletas indicados por Luiz, dois são aproveitados. Comparado aos modelos analisados anteriormente, é incontestável a capacidade dos mesmos de encontrar jogadores.

É possível que no conjunto de profissionais que trabalha pelo futebol do atlético ele seja o ponto no qual o olhar da bola se concentra e se liga, depois da devida incorporação dos “garotos” ao elenco de atletas, a ciência. É difícil avaliar os efeitos de sua presença no CT. Sua visão sobre o futebol é direta, simples, contundente. Não mede palavras. Parece representar o que há de mais tradicional no futebol. Fumando um cigarro após o outro, as vezes calado a



observar, por outras, em conversas particulares em tom de confiança, é com gratidão e respeito que a maioria dos atletas o olha e trata. O mesmo respeito e cuidado que os profissionais do CAP com ele se relacionam.

O trabalho de Luiz é exaustivo. A maioria dos atletas que hoje está nas categorias de base no CT foi indicação dele. Alguns atletas que hoje são profissionais também. Descobriu jogadores de seleção brasileira, como Élber, Wagner e Ronaldo “Fenômeno”, a quem levou para o Cruzeiro em 1992. Desde que chegou ao CAP tem rodado cerca de 70.000km por ano de carro, fora viagens aéreas. Têm uma rede de informantes com a qual mantém contato permanente e que dão indicações iniciais. Em alguns deles Luiz confia plenamente, bastando a informação daquele para que o garoto vá para uma avaliação no CT, apesar de preferir ele mesmo observar os jogadores em seu local de origem.

Perguntei-lhe o que ele observava num garoto. Primeiramente, respondeu ele, a técnica. Depois, suas condições de vida: como ele é, qual a idade, como é a família, o local de onde vêm, etc.. O que importa pouco, pois isso depois o clube resolve, é a parte física. Vale descrever uma de suas descobertas para compreender sua lógica:

Eu tenho um jogador, por exemplo, que é jogador juvenil, que eu tenho quase que certeza que em 2008 ele tem tudo pra ser disputado aqui pro profissional. Eu tenho um garoto, por exemplo, que hoje ele não está aqui, ele está pelo interior, não posso dizer (onde ele está), está em casa. Ele tem 14 anos, 1,68m. Você não sabe se ele é pé esquerdo ou pé direito, com um QI muito avançado. Eu nunca nem sonhei em achar um jogador com uma condição técnica dessas, eu acho que eu nunca tinha visto e nem imaginei que eu fosse ver um dia, mas eu estou vendo. Garoto de família. E inclusive eu estou viajando essa semana pra casa dele. É um jogador excepcional. Se tudo correr bem, for feito um trabalho bem certinho em cima dele, é um jogador pra ser ponta no futebol mundial. Mas isso não é sempre que nasce. Então, esse garoto, quem vê fica entusiasmado, até pessoas que não trabalham com futebol, como tiveram agora 30 meninos americanos... Os treinadores americanos, todos levaram foto dele, todos levaram autógrafos, até os americanos viram que ele tem tudo para ser uma estrela do futebol mundial futuramente. Então o que você precisa fazer agora? Uma cabeça boa não tem, se ele fosse normal seria igual aos outros. Então ele é complicado. É muito complicado! Mas porque ele é diferenciado, o que você precisa fazer agora é trazer de volta, ele viajou agora pra terminar umas provas pra ele poder vir agora no segundo semestre em definitivo.



Ele é tão diferenciado dos outros que o clube já está alugando um apartamento para trazer a família para cá. Então é um jogador, por exemplo, que não é sempre que nasce e o potencial dele é excepcional. Chuta bem com os dois pés, bate com a parte externa do pé, bate com a parte interna, cabeceio quase que perfeito... Pra idade dele! Um garoto que tem um biótipo meio parecido com o biótipo do Kaká, até a fisionomia é meio parecida. Então ele tem tudo, a habilidade dele... eu não sei falar pra você se o Ronaldinho Gaúcho é mais habilidoso que ele, e ele com 14 anos. E eu acho que ele é mais habilidoso que o Ronaldo Gaúcho, pra você ver como incrível esse menino é. Então agora eu vou ver uma seqüência dele, o trabalho que vai ser feito aqui no Atlético para fazer dele uma estrela do futebol mundial.

Sob uma lógica que reconhece na “técnica corporal” (Mauss, 1974) a centralidade da sua busca, sabe, por uma experiência vivida no futebol, que esta técnica não é suficiente. Assim como já anunciaram Bourdieu (1983; 1990) e Waqüant (2002), condições sociais bastantes complexas estão no fundo – e na superfície – da transformação do garoto que tem técnica (que é reconhecida no campo futebolística como sendo natural – ou um dom divino) em um atleta profissional. Para tanto, o próprio Luiz e o CAP reconhecem a importância da família e das condições gerais de vida do garoto para sua melhor incorporação ao treinamento.

Uma vez que o olhar descobre o “talento”, este olhar que o próprio olheiro desconhece de onde vem, mas cuja certeza da capacidade é avaliada pelo número de garotos descobertos e que hoje estão no CT (mas também porque erra pouco), é, em contraste com as prescrições mais duras sobre a fonte das incertezas, a saber, o humano, um contraponto, mas também um complemento do sistema tecnocientífico que o Atlético reivindica e adota. Como afirma meu interlocutor, corroborando este duplo vínculo, a saber, entre o olhar que sabe porque é experiência e o olhar científico:

Realmente, eu não sei da onde surgiu isso, a gente tem errado muito pouco em todos esses anos, em 30 anos de futebol eu não lembro até hoje de um jogador que eu dispensei que foi se dar bem em outro clube, não estou lembrado, o talento você segura. Agora, eu não sei sinceramente da onde foi surgir isso, eu sei que comecei a trabalhar em futebol, por acaso no futebol de Londrina e no fim peguei gosto pela coisa e graças a Deus tem dado tudo



certo. Hoje eu viajo e vejo o garoto que tem realmente condições e (talvez seja melhor dizer mas) você vê se ele vai ser mesmo um talento depois de seis meses de trabalho no clube. Você vai ver no dia-a-dia a evolução dele. Aquele que não evolui você pode esquecer que não vai dar em nada. Então, você vai ver a evolução do garoto e aquilo que ele está rendendo, que ele esta aperfeiçoando, tanto na parte física quando na parte técnica e na parte tática, isso é importante. Mas eu não sei da onde surgiu isso, eu acho que mais ou menos eu sei. Aqui no Atlético, na base do Atlético, eu sei realmente, não posso dizer, mas eu sei quem vai ser de primeira linha e quem não vai ser de primeira linha no futebol brasileiro...

Há no conjunto que organiza, prescreve, intervêm e aposta através do treinamento esportivo a/na formação de atletas profissionais de futebol, um escrutinar contínuo do corpo e do gesto através do saber biomédico e tecnocientífico. Para além, imiscuído não como silêncio, um saber que nasce da experiência, reside no olhar e se materializa na intuição antecipada que descobre o talento e que, depois, passados pelo filtro dos investimentos do treinamento, ainda reconhece e categoriza o futuro dos meninos aos quais um dia incitou, pela descoberta, a vida de jogador de futebol. O olheiro é esta ponte (ou porta), que liga o mundo vivido do futebol à possibilidade da profissionalização, o que vai depender, destarte, da capacidade de se incorporar os dispositivos pedagógicos do treinamento esportivo.

## **5. APONTAMENTOS SOBRE O OLHAR E O SE-MOVIMENTAR: a guisa de conclusão**

Se há algo em comum nas diferentes modalidades pelas quais o CAP investe seus capitais na busca de jogadores é o fato de que, mesmo através de metodologias e saberes distintos, há uma relação sujeito objeto inscrita no olhar que perscruta um corpo que é movimento. Sobre estas duas dimensões, a do corpo-movente e a do corpo-vidente, traduzíveis em uma só, a saber, no corpo fenomenológico, algumas notas ainda devo pôr em questão.

Para Merleau-Ponty (1994) o corpo é carne do mundo. Neste mundo o corpo está mergulhado no olhar, e o olhar no corpo. Escreve o filósofo: “É já a carne das coisas quem nos fala de nossa carne e da carne de outrem – Meu

olhar é um desses dados do ‘sensível’, do mundo bruto e primordial”. E numa nota de trabalho um tanto interessante sobre a telepatia, o ser para outrem e a corporeidade, adiciona:

Perceber uma parte de meu corpo é também percebê-la como visível i.e. para outrem. E certamente ela assume este caráter porque efetivamente alguém a olha – Mas também este fato da presença de outrem não seria possível se previamente a parte do corpo em questão não fosse visível, se não houvesse, ao redor de cada parte do corpo, um halo de visibilidade (MERLEAU-PONTY, 2000: p. 183; 222)

Retomar a primazia do ver no mundo contemporâneo é verificar que a ciência positiva quis fazer desta sensibilidade o caminho para o conhecimento. O renascimento é luz e a saída da caverna se põe no olho que vê a verdade. Bosi (1988: p.78), entretanto, ao discutir uma fenomenologia do olhar, também apoiado em Merleau-Ponty, revela uma outra densidade a este sentido. Olhar não é apenas perceber o “real” fora de nós, mas, em companhia da linguagem, abrir-se para a perspectiva de guardar, cuidar, zelar, posto que o olhar é sensibilidade incorporada.

Esta proposição acaba por implicar o olhar na corporeidade e em nossa condição mundana. Este mundo que é anterior a nós e que nos habita. Antes, porém, de pensar o olhar fenomenológico em sua inteireza, o autor recuperou os pensadores que suspeitam, que, em suas críticas, vão projetar esferas que põem condicionantes ao saber e sobre as quais é preciso refletir. Marx, Nietzsche, Freud, Weber (tradição que chega a Husserl), Heidegger e Sartre (descendentes de Husserl) formulam uma crise na “ordem das certezas”, trazendo para a contemporaneidade um olhar que não absolutiza o cogito, mas que o põe em nossa vulnerabilidade finita e inquieta.

Ainda Bosi (1988) afirma que, se Marx nos apresenta o olhar alienado e Freud um Ego achatado entre o Id e o Superego, é Sartre (Fenomenólogo, Existencialista e Marxista) quem vai propor para o olhar um caráter coercitivo, na medida em que a presença do outro para o meu olhar impõem-me já a sua liberdade de outrem (sofro a ação de sua liberdade) e que, quando exercida por mim, gera a certeza da minha existência. O olhar fere a liberdade e põe em jogo relações de poder. Assim, esse olhar expressivo “existencial”, olhar linguagem, ao contrário do olhar racionalista, reconhece-se humilde, na medida em que vislumbra as coerções do mundo vivido.



Entretanto, Merleau-Ponty vai tomar este olhar por outro caminho, na perspectiva de pôr em comum o mundo vivido, o ser-no-mundo e este outrem que é, em suma, um outro eu que partilha este mundo comigo. Os estudos de Merleau-Ponty (1994) sobre a percepção, tanto quando trata do corpo próprio, quanto da arte ou da linguagem, parte da premissa husserliana de que vivemos num mundo já dado, pré-categorial (ou ante-predicativo). Ao contrário de Sartre, ele nos convida a abrir-nos ao olhar do outro e partilhar este mundo intersubjetivo do qual fazemos parte – sermos carne do mundo é compartilharmos de sua substância – e que é vivido por um ser que é corpo, que está em co-presença e coabita este mundo.

Assim, o pensamento encarnado – conhecer sentindo e sentir conhecendo – é levado pelo olhar fenomenológico de perfil a perfil, dos aspectos coextensivos do olho ao corpo, do corpo ao mundo vivido. O olhar, deste modo, “envolve, apalpa, esposa as coisas visíveis” revelando nossa corporeidade. Havendo um parêntese entre o olhar e o corpo visto, há uma intercporalidade que é suporte desta coextensividade, simultaneidade, entrelaçamentos, etc. e que constrói a trama do ser-no-mundo. Um mundo que eu abraço com meu olhar e me prolongo em minha corporeidade e que, em reversibilidade, é alcançado pelo outro e pelo mundo que também em mim habita.

O que pretendo afirmar é que, sendo o olhar da mesma ordem do movimento, pois o olhar abraça o mundo que me abriga corporalmente e que é feito de minha mesma substância, chama a atenção o fato de que é um olhar especializado, encarnado, vivido na experiência do encontro com o outrem com quem partilha o espaço e o tempo que o devir jogador se encontra. Retomemos a brilhante passagem de *O Olho e o Espírito*, (Merleau-Ponty 2004, p. 13) afirma: “A ciência manipula as coisas e renuncia habitá-las. Estabelece modelos internos delas e, operando sobre índices ou variáveis as transformações permitidas por sua definição, só de longe em longe se confronta com o real”.

O que vêem os especialistas quando, encantados pelo jogador que joga, encontram em sua motricidade, num corpo que é dado a olhar, o possível futuro atleta anunciado como talento? Retornando ao próprio Luiz, é possível encontrar entre eles um saber que, se por um lado procura argumentos para autoexplicar-se, também se confunde nesta certeza quase infável sobre quem é o talento, quais suas características, quais, por fim, os princípios de seu se-mo-ventar fenomenológico que o transformam naquilo que os outros nele vêem.



Talvez esta não seja uma questão respondível. Cada um de nós, que aprecia um modo específico de técnica corporal, carrega preferências em termos de performance, no duplo sentido que esta comporta, a do rendimento atlético e o da performance no sentido antropológico. Gosto por jogadores de futebol ou de basquete, bailarinos, músicos entre outras modalidades de se-movimentar nos colocam neste inquietante impasse de reconhecer, entre aqueles que se dão a ver, o “verdadeiro talento”.

Lévi-Strauss (1997, p. 125), pondo-se a tratar da arte e da música ao discutir questões propostas por Franz Boas sobre a arte ‘primitiva’, descortina uma homologia entre o ritmo decorativo das pernas de couro dos índios Thompson, da Colúmbia Britânica, o ritmo dos passos na dança e dos gestos repetitivos de uma atividade técnica. Assim, “regularidade, simetria, ritmo, estariam, portanto, para Boas, na base de toda atividade estética”. Ao apresentar uma noção recuperada por Benveniste, a de que “rhythmos tem por sentido primitivo ‘arranjo característico das partes num todo’”, o que Platão vai estender aos movimentos do corpo na ginástica e na dança, sugiro que é possível pensar sobre a estética que a repetição e a diferença do gesto esportivo do futebol implicam e faz caracterizar o talento.

Como já mencionei, o gesto esportivo é uma síntese complexa entre repetição (portanto igualdade/semelhança) e diferença. É preciso reconhecer as técnicas corporais específicas que formam o arranjo de conjunto que produz, como significado, o jogo de futebol. Para Lévi-Strauss (1997, p. 125), “temporal ou espacial, a periodicidade desempenha um papel, pois a repetição é essencial para a expressão simbólica, que coincide intuitivamente com seu objeto sem jamais confundir-se com ele”. Ou seja, é na capacidade de reproduzir passes, chutes e cabeceios que a técnica corporal no conjunto da experiência ganha sentido. Esta repetição faz Luiz caracterizar um de seus recentes pupilos.

Entretanto, se a repetição está na base do significado – ou da expressão simbólica – e o ritmo, como arranjo de partes, organiza um ciclo em sua estética, o que faz o talento é sua capacidade de, nos arranjos repetitivos, ser diferente. O próprio olheiro menciona isto ao tratar da “cabeça” do garoto, que não é muito boa. Deste modo, como o virtuose não é aquele que é capaz de repetir escalas musicais *ad nauseum*, mas o que consegue, com estas notas, produzir um sentido estético (Heller, 2006), uma melodia que afeta, que recoberta de sensível exprime uma intencionalidade e um modo de ser-no-mundo, também



o movimento esportivo parece se caracterizar por esta tensão, a saber, o de uma repetição que torne reconhecível e dê sentido ao gesto e uma corporeidade que difere, pois que é capaz de, no princípio que ordena, implantar a beleza do diferente.

Se o modelo científico proposto pelo Atlético vai render frutos é uma incógnita, pois que baseado numa regularidade que mede, impondo modos de repetição cujos sentidos talvez se escapem. Para observar um jogador há muitos olhos, pois o corpo e o gesto são dados sob muitas faces. Escreve Lévi-Strauss (1997, p.126): “Para que um estilo capaz de durar apareça, é preciso que a inteligência do artista não se apresse em saltar por cima da distância entre o mundo e o modo de representá-lo”. Talvez, no mesmo sentido, para que o talento que o CAP persegue apareça e, portanto, seja investido por um olhar que o adensa no mundo de quem olha, e o reconhece, é preciso que o se-movimentar não esteja aquém deste mundo, nas entranhas do gesto resultante do sistema neurofisiológico que o sustém ou numa inteligência desencarnada, mas que esteja amarrado as teias do mundo, no diálogo constante com os objetos e com as pessoas. O gesto que afeta é a *esthesis* do corpo que é também mundo.

## REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Fernando G. **No Reino do Quero-Quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Florianópolis, CFH/PPGAS, 2009.

\_\_\_\_\_. Simmel e o futebol: da comunidade de afeto a equivalência abstrata do dinheiro. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC v. 43, n. 2, outubro/2009.

BOSI, Alfredo. “Fenomenologia do Olhar”. In: NOVAES, Adauto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: \_\_\_\_\_. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: \_\_\_\_\_. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.



GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

HARAWAY, Donna. “Manifesto Ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”. In: SILVA, Tomas Tadeu da (org.). **Antropologia Ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Olhar, Escutar, Ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia – Vol II**. São Paulo: EPU – EDUSP, 1974.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

\_\_\_\_\_. “De Mauss a Lévi-Stauss”. In: \_\_\_\_\_. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **O Visível e o Invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **A Natureza**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2000a.

\_\_\_\_\_. **O Olho e o Espírito**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

